



A educação como permanência e possibilidade de superação do eterno feminino em Simone de Beauvoir ¹

Education as permanence and possibility of overcoming
the eternal feminine in Simone de Beauvoir

Rafaela Pimenta ²

Resumo: O objetivo deste trabalho é entender, a partir da obra *O Segundo Sexo* da filósofa Simone de Beauvoir, a educação tanto como instrumento de permanência ou uma possibilidade de superação do eterno feminino. Por tanto, é necessário se fazer compreender o conceito chave elaborado por Simone de Beauvoir: o eterno feminino, bem como uma definição geral da educação na obra e o modo como a educação contribui pra manter a mulher em uma situação de distanciamento ou pode aproximá-la de sua autonomia e liberdade.

Palavras-chave

Educação, Eterno feminino, Liberdade, Mulher, Simone de Beauvoir.

Abstract: The objective of this written is to understand, from the work *The Second Sex* by the philosopher Simone de Beauvoir, education as an instrument of permanence or a possibility of overcoming the eternal feminine. Therefore, it is necessary to understand the key concept developed by Simone de Beauvoir: the eternal feminine, as well as a general definition of education in the work and the way in which education contributes to keeping women in a situation of distance or can bring them closer. of its autonomy and freedom.

Keywords

Education, Feminine eternal, Freedom, Woman, Simone de Beauvoir.

*Dedico este trabalho a minha avó. A Sra. Marina.
E a todas as mulheres que assim como ela, numa sociedade patriarcal,
foram e são sujeitos protagonistas de sua existência*

¹ A primeira versão deste trabalho foi apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Filosofia a Faculdade São Bento da Bahia sob a orientação do Prof. Dr. Valério Hillesheim.

² Licenciada em Filosofia pela Faculdade São Bento da Bahia. E-mail: rafaelapimentaa29@gmail.com.br.

Introdução

Pensar a questão da mulher não é uma novidade, mas uma necessidade crescente em nossa contemporaneidade em cada vez mais as mesmas buscam meios mais efetivos para o protagonismo de suas próprias vidas. Neste cenário, apesar de ter sido escrito no século XX, o ensaio *O Segundo Sexo* ainda se mantém atual. Mergulhar nas reflexões filosóficas desta obra basilar para a fundamentação teórica feminista ocidental é de fundamental importância, e é esta riqueza da corrente existencialista que Simone de Beauvoir nos aponta que até então, a filosofia não se deteve a pensar de profunda forma a mulher e o modo como ela existe num mundo dominado pelos homens.

O que é ser mulher? Como o gênero feminino da humanidade foi definido? Em que consequências essa definição resultou? Onde está a liberdade neste sistema? Estas são questões centrais da obra supracitada, onde a mulher aparece como uma alteridade absoluta, reflexo de uma formação que a torna vítima e cúmplice de sua situação. O homem se vê como um em relação a mulher que é por ele vista como o *outro*, enquanto a mulher na relação com o homem, ao invés de se colocar como *um*, percebendo o homem como o *outro*, ela é quem se reconhece e coloca-se como o *outro*.

O objetivo central deste artigo é analisar a educação como meio de permanência e possibilidade de superação do *eterno feminino* na obra *O Segundo Sexo*, na busca de explicitar o papel determinante da educação para a construção da mulher. O segundo tópico trará a definição do conceito do *eterno feminino* e explicará a sua origem, bem como este conceito está engendrado na maneira pela qual a mulher é definida e se define. Em um terceiro momento, explicamos como é compreendida a educação por Simone de Beauvoir e a dinâmica proporcionada por ela e sua relevância para pensar a mulher. Posteriormente nos dedicamos a explicar a educação como um meio de manutenção da permanência do essencialismo gerado a partir da compreensão da feminilidade como algo eterno e imutável, limitando a possibilidade de transcendência da mulher e afirmando-a sempre como uma passividade. E por fim, abordamos a possibilidade de uma educação que possa ser construída como uma possibilidade de superação do eterno feminino, contribuindo para o caminho de liberdade que cabe a existência humana para a mulher.

O eterno feminino

Ao longo da história a mulher³ foi (e talvez ainda seja) pensada como um ser cuja essência é composta de determinadas características que compõe o conjunto

³ É importante ressaltar que Simone de Beauvoir escreve *O Segundo Sexo* no século XX, de modo a pensar a mulher de como um conceito singular, diferente da contemporaneidade, em que tal concepção vem ganhado diversas ramificações em que esta mesma categoria (mulher) passa a ser visto de forma plural, pois é, atualmente, compreendido suas diversas intersecções sociais e contextuais. (Ex.: feminismo negro/mulheres negras; feminismo trans/mulheres transsexuais).

fundamental do que se identificou como feminilidade. Tal conjunto é chamado por Simone de Beauvoir de *Eterno feminino*. O *Eterno feminino* é aquilo que pretende cercar a mulher dentro de sua condição de fêmea da espécie humana reduzindo-a em sua biologia afim de estatizar conceito de feminino⁴.

É no contexto da família patriarcal que cria, ou se forma, a mulher. Se a unidade básica o pai é o chefe, na sociedade, como um todo, o dominador é o homem. Assim, o *patriarcado* é o sistema cuja principal instituição, a família, se encarrega de perpetuar os valores da dominação e da opressão da mulher. E são as diferentes maneiras de educar o menino e a menina que determinam suas características. (GUTIÉRREZ, 1985, p.22-23)

Corroborando, Marcia Regina Viana diz:

O conceito de *eterno feminino* por vezes quer valer-se das diferenças biológicas encontradas entre os sexos para tentar legitimar sua existência, no sentido de se fundamentar na necessidade de definir uma categoria de ser vulnerável biologicamente [a mulher] (VIANA, 2007, p.102).

Este conceito é um reflexo do modo como o homem enxerga a mulher, isto porque ele atribui à fêmea da humanidade as características de “inerte, impaciente, matreira, estúpida, insensível, lúbrica, feroz, humilhada”⁵ que pertence às fêmeas da natureza. Desse modo,

[...] esse sexo parece ao homem desprezível e inimigo, mesmo nos bichos inocentes, é evidentemente por causa da inquieta hostilidade que a mulher suscita no homem; entretanto, ele quer encontrar na biologia uma justificação desse sentimento (BEAUVOIR, 2016, vol2, p.31).

Associado ao *eterno feminino*, está a *feminilidade*: fruto da ideia de essência feminina que se apega ao corpo para diferenciar o ser masculino do ser feminino. Desse modo, a mulher é reduzida a um não-homem, através dessa “essência feminina” que se apresenta inserida nestas condições. “O fato de a sociedade, como um todo, admitir a superioridade do homem, e a conseqüente inferioridade da mulher, garante ao homem, com exclusividade, o estatuto de ser humano” (GUTIÉRREZ, 1985, p.24). Em outras palavras, o ser masculino é o homem da humanidade, enquanto o ser feminino é apenas a fêmea da humanidade. É sob essa perspectiva que a mulher se constitui como o *outro*⁶. “A mulher determina-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o *inessencial* perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro”

⁴ A ideia do feminino contido no conceito de eterno feminino é contemporaneamente criticada. Judith Butler, por exemplo, acredita que quando Beauvoir fala sobre mulher e a questão biológica de sua redução, se trata do sexo biológico como se, de modo necessário, o gênero correspondente a esse sexo biológico tenha que ser um gênero feminino: fêmea que corresponde a mulher. Para Butler, é um equívoco seguir por esse caminho traçado por Beauvoir pois o gênero possui caráter performático, inserido na cultura e pode habitar diversos corpos biológicos, não necessariamente os corpos de fêmeas da espécie humana. (Cf. FEMENÍAS, María Luisa. 2012, p. 315).

⁵ Cf. BEAUVOIR, 2016, vol.1, p.31

⁶ Pensar contemporaneamente a categoria do *outro* de Simone de Beauvoir nos leva às reflexões do feminismo negro que vê, para além da situação de o *outro* da mulher branca, a mulher negra que pode ser considerada e considerar-se como “o ‘outro’ do *outro*”. Ver em (RIBEIRO, Djamilá. 2016. p.2) Disponível em: <sur.conectas.org/feminismo-negro-para-um-novo-marco-civilizatorio/>. Acesso em: 08 jan. 2019.

(BEAUVOIR, 2016, vol1, p. 12-13). Pensar numa essência para definir o Ser é algo que se opõe a filosofia existencialista de Beauvoir que assim como Sartre compreende a existência como uma construção do indivíduo no mundo, de modo que a existência precede a essência.

A filosofia existencialista, especificamente o existencialismo de Sartre e Simone de Beauvoir, atribuiu ao termo “ontologia” a reflexão de que se detém no movimento do ser em constituir-se sujeito de sua existência e ao movimento do sujeito em revelar-se através do desvelamento do mundo dado (VIANA, 2007, p.34).

O ponto de diferenciação entre Simone de Beauvoir e Sartre aparece quando, Beauvoir coloca a possibilidade de, apesar da condição das mulheres na sociedade ser por cumplicidade das mesmas, também é possível pensar que a mulher não pense sobre si como sinônimo de liberdade, ao contrário do pensamento de Sartre que interpretaria tal ação como uma prática da *má-fé*. Reynolds (2013, p.209), ao explicar essa diferença na filosofia existencialista de Beauvoir, como uma analogia à situação da mulher, diz que se falta, por longo tempo, ao escravo, uma liberdade prática e este não pode imaginar sua vida fora da prisão e livre, isto pode afetar sua liberdade ontologia.

A concepção de educação na obra o segundo sexo

Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo*, aborda acerca do modo como se constitui a educação das crianças e jovens do sexo feminino no século XX. No entanto, vale ressaltar que sua concepção de educação, na obra, se distancia e muito da ideia de educação escolar, visto que, o que a autora apresenta é uma formação do indivíduo no âmbito familiar e nas relações socioculturais. Está aí o motivo da concepção de educação ser sinônimo de formação.

A formação de modo mais intenso e efetivo, no sentido de ensinar o modo como se vive, as regras e o que entendemos como educação, se dá pela família. É ela a principal e mais relevante educadora da sociedade desde a infância até a chegada da fase adulta. A educação se reflete como manutenção do *eterno feminino* e da passividade da mulher que ocupa o lugar de um não-ser absoluto na sociedade. “São as delícias da passividade que pais e educadores, livros e mitos, mulheres e homens, fazem brilhar aos olhos da menina; ensinam a ela já na primeira infância apreciá-las” (BEAUVOIR, 2016, vol2, p.44). É sob esse olhar que, ao comentar sobre a mulher, Rachel Gutiérrez diz: “é no contexto da família patriarcal que se cria, ou se forma, a mulher. Se na unidade básica o pai é o chefe, na sociedade, como um todo, o dominador é o homem. Assim, o *patriarcado* é o sistema cuja principal instituição, a família, se encarrega de perpetuar os valores da dominação” (GUTIÉRREZ, 1985).

Seguindo o horizonte de *O Segundo Sexo*, embora a educação possua esse caráter de manter o mundo sob a dominação masculina, colocando a mulher nas grades de um essencialismo biológico através do *eterno feminino*, Simone de Beauvoir também aponta

para a educação como um dos caminhos possíveis de libertação da mulher, como quando ela, por exemplo, fala sobre a possibilidade de uma sociedade diferente.

É fácil imaginar um mundo em que homens e mulheres seriam iguais, porquanto é exatamente o que prometera a revolução soviética: as mulheres, educadas e formadas exatamente como os homens, trabalhariam em condições idênticas e por salários idênticos; a liberdade erótica seria admitida pelos costumes, [...]; o casamento repousaria em um compromisso livremente consentido e que os cônjuges poderiam denunciar quando o quisessem; a maternidade seria livre[...] (BEAUVOIR, 2016, Vol.2, p. 549-550).

A educação que forma e molda as fêmeas da espécie humana dentro de uma passividade e submissão em relação aos homens, porém, se esta educação for transformada, ela pode ser guiada em direção a construção da liberdade das meninas que se tornarão mulheres.

Educação como permanência do eterno feminino

Pensar a educação como permanência do *eterno feminino* significa que ela se constitui como meio de manutenção do *eterno feminino* no seio da sociedade e, principalmente, na vida da mulher, pois é através da educação que ela aprende a se reconhecer como um segundo sexo – o outro, dentro de um mundo dado cujo o domínio pertence ao homem. Porém, cabe ressaltar que, se a educação pode ensinar e formar a mulher para se notar e estar no mundo, assumindo-se de tal maneira a colocá-la numa essência dada segundo ao *eterno feminino*, o homem por sua vez é ensinado o papel da essência que domina o mundo e que existe, enquanto a mulher subsiste.

Persuadem a criança de que é por causa da superioridade dos meninos que exigem mais deles; para encorajá-lo no caminho difícil que é o seu, insuflam-lhe o orgulho da virilidade; essa noção abstrata se reveste para ele de um aspecto concreto: encarna-se no pênis⁷; não é espontaneamente que sente orgulho de seu pequeno sexo indolente; sente-o através da atitude dos que o cercam. Mães e amas perpetuam a tradição que assimila o falo à ideia de macho; seja porque lhe reconhecem o prestígio na gratidão amorosa ou na submissão, seja porque constitui para elas um revide reencontrá-lo na criança sob uma forma humilhada, o fato é tratam o pênis infantil com uma placência singular. (BEAUVOIR, 2016, Vol 2, p.15).

A educação é a formação do indivíduo desde sua infância e é, segundo Beauvoir, partir do desmame que a criança começa a ter os aprendizados sobre o mundo, mas antes disso, ela já passa a ser sexualmente especificada, apesar de meninos e meninas, de um modo geral, serem iguais em força física (até a chegada puberdade), capacidade intelectual e, a menina, ainda não se percebe sendo o *outro*. A autora ainda vai adiante sobre o modo como o destino da criança do sexo feminino é ensinado pelos educadores. Diz ela:

⁷ o menino em sua formação aprende uma superioridade que começa com o fato de possuir um pênis, pois seu pequeno sexo é tratado como um *alter ego*. Ver em (BEAUVOIR, 2016, vol2 p. 15)

Se, bem antes da puberdade e às vezes, mesmo desde a primeira infância, ela já se apresenta como sexualmente especificada, não é porque misteriosos instintos a destinam imediatamente à passividade, ao coquetismo, à maternidade: é porque a intervenção de outrem na vida da criança é quase original e desde seus primeiros anos sua vocação lhe é imperiosamente insuflada. (BEAUVOIR, 2016, Vol 2, p.11-12).

E ainda afirma o poder que os adultos (formadores/educadores) possuem em relação a elas: “Quando cresce, a criança luta de duas maneiras contra o abandono original⁸. Tenta negar a separação: aconchega-se nos braços da mãe [...]. Tenta fazer-se justificar pela aprovação de outrem. Os adultos se lhe afiguram deuses: têm o poder de lhe conferir o ser” (BEAUVOIR, 2016, vol.2, p.13). Toda educação é dada tendo em vista um propósito que é, neste caso, manter a superioridade masculina. Porém isso se reflete na mulher com consequências que a tiram da condição de sujeito livre, capaz de reconhecer o outro como alteridade, e não se perceber como sendo uma alteridade. Na experiência vivida, as consequências implicam em comportamentos que a confina numa imanência.

Na infância, o prestígio que é dado ao pênis, sua liberdade em tocá-lo como um brinquedo é percebido pelas meninas ao mesmo tempo em que é notado o tabu que se forma em relação aos seus órgãos (ao seu sexo). Isso resulta num aprendizado de que ser homem é melhor do que ser mulher. Acompanhado a isso, a passividade também é colocada para ser acolhida pelas meninas quando lhes ensinam que também é sua função agradar e ser como um objeto, encerrando sempre como algo que não pertence ao conjunto que se chama humanidade.

[...] ela deve, portanto, renunciar sua autonomia. Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade; fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos exercer sua liberdade para compreender, aprender e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirmar-se como sujeito; (BEAUVOIR, 2016, Vol.2, p.25).

O olhar para a fase adulta é encarado com dificuldade pela menina que começa a se tornar uma jovem porque junto com ele chega a servidão a sua natureza.

Tornar-se adulto é uma metamorfose que os intimida: muitos adolescentes sentem-se angustiados quando se anuncia uma liberdade exigente; mas é com alegria que alcançam a dignidade de machos. Ao contrário, para transformar-se em adulto, é preciso que a menina se confine nos limites impostos a sua feminilidade. O menino admira em seus novos pelos promessas indefinidas[...]. Assim, como o pênis tira do contexto social seu valor privilegiado, é o contexto social que faz da menstruação uma maldição. Um simboliza a virilidade, a outra, a feminilidade. E é porque a feminilidade significa alteridade e inferioridade que sua revelação é acolhida com escândalo (BEAUVOIR, 2016, Vol.2, p.63).

Tornar-se adulto significa para a menina encarar o destino já traçado: a maternidade, a timidez gerada por uma insegurança em relação a si e ao seu corpo por ser repreendida ao se tocar; além do fato de perceber em seu corpo tudo o que notou

⁸ O abandono original é a angústia sentida pelo homem ao se perceber no mundo como livre e vive o conflito da relação com o Outro, das escolhas, etc. A esse respeito, ver citação BEAUVOIR, 2016, vol2, p.12

corroborar ao longo de sua vida para a servidão da fêmea. Percebe que há em seus interiores a um segredo que a assusta: é o sangue de todos os meses, a geração da criança dentro de si, as privações dos desafios do mundo, restritas ao mundo masculino. “É no conjunto de uma situação, que deixa muito poucas possibilidades, que tais singularidades assumem seu valor, e não imediatamente, mas confirmando o complexo de inferioridade por ela desenvolvido desde a infância.” (BEAUVOIR, 2016, Vol.2, p.81).

Por fim, na fase adulta, essa mulher se torna cúmplice de sua situação quando a realização de si não vem de si própria, mas sim de ela se ver, por exemplo, realizada pela realização de sua família, companheiro, filhos. A mulher (fêmea humana) se anula para a superioridade de um mundo ao qual não pertence a ela enquanto mulher. Assim, é possível concluir afirmando que a educação é um meio de permanência do *eterno feminino* na sociedade. Ela o engendra como uma verdade na vida da criança do sexo feminino, resultando em consequências que vão fazer a mesma, ao longo de sua vida, se reconhecer como vítima e cúmplice da sua situação no mundo.

A educação como uma possibilidade de superação do eterno feminino

Já é sabido até aqui que a educação é fundamental no modo como os indivíduos são moldados nos papéis sociais e em sua existência. De maneira especial, para a mulher, essa educação representa a construção de um ser passivo, que é parte sem ser participante da humanidade. Não obstante, se afirmamos que a educação é construção, podemos coloca-la, então, no *hall* no contexto histórico e sociocultural e, desse modo, considera-la mutável.

Dessa forma, podemos perceber que o caráter opressivo até então ligado ao reducionismo biológico passa a se apresentar sob a ótica cultural, ou seja, somos culturalmente formados, aprendemos que tal hierarquia entre os gêneros é natural. E sendo, um conceito aprendido e não intrínseco, pode ser transformado (DA ROSA; MACHADO, 2016, p.247).

Assim, compreendendo a educação como sendo mutável, se ela é um meio de manutenção para a permanência de uma “essência feminina”, ela pode modificar-se e vir a ser uma possibilidade de superação da perpetuação do *eterno feminino* na sociedade. A partir disso, Simone de Beauvoir nos indica essa possibilidade quando, por exemplo, diz sugere que:

Se desde a primeira infância a menina fosse educada com as mesmas exigências, as mesmas honras, as mesmas severidades e as mesmas licenças que seus irmãos, participando dos mesmos estudos, dos mesmos jogos, prometida a um mesmo futuro, cercada de mulheres e de homens que se lhe afigurassem iguais sem equívoco, o sentido do “complexo de castração” e do “complexo de Édipo” seria profundamente modificado. Assumindo, da mesma maneira que o pai, a responsabilidade material e moral do casal, [...]; a criança sentiria em torno de si um mundo andrógino e não masculino; ainda que mais efetivamente atraída pelo pai – o que não é seguro – seu amor por ele seria matizado por uma vontade de emulação e não por um sentimento de impotência: ela não se orientaria para a passividade (BEAUVOIR, 2016, vol2, p. 551).

Pensar a libertação das mulheres na obra *O Segundo Sexo*, é colocar as mulheres como indivíduos que podem ser pensadas sem a necessidade de uma “sombra masculina”, a medida em que houvesse uma educação diferente, onde elas aprenderiam a sua independência na escolha de seus próprios destinos. Porém, essa liberdade que cabe a todos os sujeitos e que, nas mulheres, é alcançada quando for superada a prisão constituída pelo o essencialismo da feminilidade, não pode ser somente por uma educação diferente da que já se apresenta como meio de permanência do *eterno feminino*.

Apesar da educação ser uma possibilidade de superação do *eterno feminino*, Simone de Beauvoir coloca a liberdade como alcançável num mundo em que todos fossem livres. Nenhuma mulher é completamente livre, a não ser que todas sejam. Não há liberdade se esta não estiver para todos os sujeitos: “Simone de Beauvoir não acreditava na “salvação individual”, e na liberdade individual, pois para ela, não era possível ser livre, se ao redor os/as outros/as não eram” (DA ROSA; MACHADO; 2016, p.245). Além da educação, Beauvoir, finaliza seu ensaio, *O Segundo Sexo*, apontando a educação como possibilidade de superação do *eterno feminino*. A autora alerta que essa superação só poderá ser uma realidade da seguinte forma:

Libertar a mulher é recusar encerrá-la nas relações que mantém com o homem, mas não as negar; ainda que ela se ponha para si, não deixará de existir *também* para ele: reconhecendo-se mutuamente como sujeito, cada um permanecerá entretanto um *outro* para o outro; a reciprocidade de suas relações não suprimirá os milagres que engendra a divisão dos seres humanos em duas categorias separadas: o desejo, a posse, o amor, o sonho, a aventura; e as palavras que nos comovem: dar, conquistar, unir-se conservarão seus sentidos. Ao contrário, é quando for abolida a escravidão de uma metade da humanidade e todo o sistema de hipocrisia que implica, que a “divisão” da humanidade revelará sua significação autêntica e que o casal humano encontrará sua forma verdadeira.

‘A relação imediata, natural, necessária do homem com o homem é a *relação do homem com a mulher*’, disse Marx. “Do caráter dessa relação decorre até que ponto o homem se compreendeu como *ser genérico*, como homem; a relação do homem com a mulher é a relação mais natural do ser humano com o ser humano. Nela se mostra, portanto, até que ponto o comportamento *natural* do homem se tornou *humano* ou até que ponto o ser *humano* se tornou seu ser natural, até que ponto sua *natureza humana* se tornou sua *natureza*.”

Não há como dizer melhor. É no seio do mundo que lhe foi concedido que cabe ao homem fazer triunfar o reino da liberdade; para alcançar essa suprema vitória é, entre outras coisas, necessário que, para além de suas diferenciações naturais, homens e mulheres afirmem sem equívoco sua fraternidade (BEAUVOIR, 2016, Vol.2. p.556-557).

Em outras palavras, Simone de Beauvoir defende que a liberdade é alcançada junto com a fraternidade que é fruto da evolução da sociedade e, desse modo, uma sociedade fraterna viveria em igualdade de liberdades individuais.

Considerações finais

Pensar sobre as vias de manutenção da permanência ou da superação do *eterno feminino* na sociedade, constituída num mundo em que a humanidade pertence aos

homens, é trazer um conceito fundamental do pensamento beauvoiriano para uma reflexão cotidiana, uma vez que, a obra *O Segundo Sexo* tem como característica trazer a filosofia existencialista para uma análise prática a respeito da mulher na sociedade.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro* (BEAUVOIR, 2016, Vol.2. p.11).

Eterno feminino é um conceito criado por Simone de Beauvoir para explicar a concepção de feminilidade essencializada, onde o ser mulher é encerrado em biologia, colocado a fêmea da espécie humana presa e definida em sua natureza não-humana. Tal conceito é encarado como um eterno, algo já dado no mundo, uma essência, porque ele se perpetua como verdade a partir da educação. A educação que, de acordo a perspectiva de Beauvoir, pode ser resumida como a formação do indivíduo pela família e pelo contexto em que está inserido e que é, também, por um lado o meio para a manutenção da permanência do *eterno feminino*, mas que pode vir a ser uma possibilidade de superação desse conceito que se aplica a vida das mulheres e que quer ser mantido pelo homem, uma vez que, por ele, o homem é visto sempre como o ser dominante da humanidade.

Como auxílio na permanência do *eterno feminino*, a educação é responsável por todo aprendizado que a mulher faz sobre como ela deve ser, agir, pensar de acordo a uma passividade que lhe é imposta sobre a justificativa de ser própria de sua natureza. Essa é a educação da época em que viveu Beauvoir, e infelizmente é a que, até hoje, ainda é mantida, embora, não seja mais a única em nossa cultura.

Por existir na história e cultura, a educação pode ser mutável e, nesse sentido, é sustentável dizer que ela pode vir a ser uma possibilidade de superar o *eterno feminino*, mas isso, apenas a medida que a sociedade evolui e a noção de fraternidade for se desenvolvendo, para que a liberdade esteja ao alcance de todos. Desse modo, é apenas uma possibilidade, diante do caminho que Simone de Beauvoir aponta como a superação.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*, vol.2; tradução Sérgio Milliet. – 3ed. – Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*, vol.1; tradução Sérgio Milliet. 3ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2016.

FEMINÍAS, María Luisa. A crítica de Judith Butler a Simone de Beauvoir. *Sapere Aude*, v.3. Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/issue/view/241>>. Acesso em: 08 jan. 2019.

GUTIÉRREZ, Rachael. *O Feminismo é um humanismo*. Rio de Janeiro: Edições Antares; São Paulo: Nobel, 1985.

REYNOLDS, Jack. *Existencialismo*. Tradução: Caesar Souza. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório: uma perspectiva brasileira. In: *SUR: revista internacional de direitos humanos*, Edição: 24. São Paulo, 2016. Disponível em: < sur.conectas.org/feminismo-negro-para-um-novo-marco-civilizatorio/>. Acesso em: 08 jan. 2019.

ROSA, Graziela Rinaldi da. MACHADO, Rita de Cássia Fraga. Simone de Beauvoir: uma filósofa feminista. In: *Filósofas: a presença das mulheres na filosofia*. São Paulo: Editora fi, 2016.

VIANA, Marcia Regina. *Demissão ou assunção da existência: uma questão moral em Simone de Beauvoir*. 2007. Dissertação de Doutorado – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.